


FESTAS JUNINAS: ELEMENTO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL PIAUIENSE

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-028>

Data de submissão: 05/10/2024

Data de publicação: 05/11/2024

Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego

Doutora em História pela UFF

Professora adjunto-4 do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, festas juninas, antropologia, ritual, comércio e comerciantes

RESUMO

As festas juninas são eventos folclóricos que começam com a comemoração de Santo Antônio no dia 13 de junho, prosseguem com São João no dia 24 e terminam com São Pedro no dia 29 de junho. Apesar de serem celebradas em várias partes do mundo, no Brasil, especialmente no Nordeste, elas têm um destaque particular. Um brilho especial dessas festividades é a realização do Bumba-meu-boi, uma dança alegórica em que o boi é o personagem central. Todas essas manifestações estão conectadas por um laço especial: seu caráter de rito de fertilidade. Durante o mês de junho, cidades do Piauí transformam-se com praças enfeitadas com bandeirinhas coloridas, balões e fogueiras, lembrando os terreiros das antigas fazendas nesses momentos festivos.

Palavras-chave: Festas Juninas. Identidade Cultural. Piauí. Tradições Populares.

1 INTRODUÇÃO

As festas juninas são eventos folclóricos que começam com a comemoração de Santo Antônio no dia 13 de junho, prosseguem com São João no dia 24 e terminam com São Pedro no dia 29 de junho. Apesar de serem celebradas em várias partes do mundo, no Brasil, especialmente no Nordeste, elas têm um destaque particular. Um brilho especial dessas festividades é a realização do Bumba-meu-boi, uma dança alegórica em que o boi é o personagem central. Todas essas manifestações estão conectadas por um laço especial: seu caráter de rito de fertilidade. Durante o mês de junho, cidades do Piauí transformam-se com praças enfeitadas com bandeirinhas coloridas, balões e fogueiras, lembrando os terreiros das antigas fazendas nesses momentos festivos.

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a importância desse elemento cultural na formação da identidade do povo piauiense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, por fundamentar-se na observação, pela pesquisadora, das tradições e costumes que caracterizam as festas juninas no Piauí. Como fundamentação teórica foram realizadas leituras de textos que discutem a temática a exemplo de Cascudo (2001), Bueno (2021), Ferreira (2016), Costa (2012) e outros, bem como foram realizadas visitas em sites que publicam esse tipo de manifestação cultural no Estado ou fora dele, especialmente com a finalidade de buscar fontes imagéticas. O texto está dividido em três partes. Na primeira “As Festas Juninas e o Bumba-meu-boi: Tradição, História e Patrimônio Cultural no Piauí” apresenta como as festas Juninas chegaram ao Brasil, sua importância para o Nordeste e como foram incorporadas à cultura e ao folclore do Piauí. Na segunda parte do texto discute-se as festas juninas em Teresina, destacando-se as suas práticas na década de 1990. Por último, apresenta-se suas manifestações em Campo Maior, uma das cidades do interior Piauí com maior tradição em festejar Santo Antônio.

2 AS FESTAS JUNINAS E O BUMBA-MEU-BOI: TRADIÇÃO, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO PIAUÍ.

Conforme Costa (2012), a festa Junina foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses durante o período colonial, quando o país era uma colônia administrada pelo Império Português. Rapidamente, essa celebração foi assimilada às tradições indígenas e afro-brasileiras, grupos que na época eram submetidos ao trabalho escravo e explorados para atender aos interesses econômicos europeus.

Com base em leituras realizadas em Vitalli (2008), a pesquisadora afirma que além da forte influência portuguesa, também havia, na época, uma notável presença de elementos culturais chineses, espanhóis e franceses, cujas comunidades buscavam lucrar no Brasil. Isso resultou em uma ampla

miscigenação racial e cultural. Assim, os costumes das Festas Juninas, com influências europeias, se espalharam por todo o país, trazidos por migrantes de diversas regiões, que iam em busca de trabalho nos seringais. Dessa forma, a Festa Junina chegou ao Norte do Brasil, integrando-se aos costumes locais. Com o tempo, o nome e o significado original da festa, inicialmente chamada de Festa Joanina, sofreram mudanças. A celebração passou a ser oficialmente realizada em junho, coincidindo com a época da colheita do milho no Brasil, quando os rios estão baixos e o solo preparado para o plantio.

Embora as festas juninas sejam celebradas em diferentes regiões do Brasil, no Nordeste elas ganharam uma dimensão especial, tornando-se parte integrante da identidade cultural local. As celebrações não são apenas eventos festivos, mas manifestações que refletem a maneira de ser e viver do povo nordestino. Durante os meses de junho e julho, estados como Pernambuco, Paraíba e Bahia e Piauí¹ se transformam em grandes palcos de festividade, atraindo visitantes de diversas partes do Brasil e até do exterior. Nesse período, as cidades que já adquiriram tradição na realização dessas festas preparam grandes espaços, oferecendo uma infraestrutura que movimenta a economia local e promove uma experiência única. Com hotéis lotados, áreas dedicadas à gastronomia típica, palcos para grandes shows e feiras de artesanato regional, o evento se torna um verdadeiro festival de cultura, música e tradição.

Entre as diversas manifestações, as quadrilhas juninas se destacam como um dos principais símbolos da festa. Centenas de pessoas, vestidas com indumentárias coloridas, como vestidos rodados e bastante coloridos, camisas xadrez ou de cores fortes, botas e chapéus de palha, se reúnem em apresentações animadas, marcadas por passos sincronizados e coreografias divertidas. A música, composta principalmente pelos ritmos do forró, sertanejo e caboclinho, embala o público e mantém o clima de alegria constante. Além das danças, o colorido da festa se completa com as variadas comidas típicas, que fazem parte da identidade junina. Pratos como pamonha, canjica, pé de moleque e paçoca, feitos à base de milho e amendoim, são indispensáveis e fazem sucesso entre os participantes. E, para aquecer o clima, o tradicional quentão é a bebida oficial, complementando o caráter festivo e acolhedor das celebrações. A seguir uma mostra das quadrilhas que se apresentam no Encontro Nacional de Folguedos do Piauí.

¹ No Piauí as festas juninas são realizadas no “Encontro Nacional de Folguedos”. Conforme informações do site da Secretária de Cultura do Piauí, esse evento realiza-se entre os meses de julho a agosto, reunido apresentações de quadrilhas e de grupos folclóricos de todas as partes do Brasil. A tradição do Bumba-meu-boi também está presente no evento, além das comidas típicas e dos shows musicais. Disponível em: <http://www.cultura.pi.gov.br/encontro-nacional-de-folguedos-do-piaui-46a-edicao-comeca-com-grandes-atracoes/>. Acesso em: 17.10.2024.

Imagem 01 Quadrilhas no “Encontro Nacional de Folguedos” (PI)



Fonte: cultura.pi.gov.br/wp-content/uploads/2016/08/IMG-20160823-WA0009.

O Encontro Nacional de Folguedos do Piauí é uma importante celebração culturais do Estado, reunindo diversas manifestações folclóricas e tradições populares do Brasil, com destaque especial para as expressões culturais do Nordeste. Realizado anualmente em Teresina, o evento promove uma verdadeira imersão nas raízes culturais piauiense e brasileira, com apresentações de grupos de Bumba-meu-boi, quadrilhas juninas, além de danças e músicas regionais. O Encontro não só preserva e valoriza o patrimônio imaterial, mas também fortalece a identidade cultural do Piauí, atraindo turistas e participantes de várias partes do país, o que contribui significativamente para a movimentação da economia local e para a promoção do turismo cultural.

Como já mencionado, uma das tradições marcantes do período junino-julino no Piauí é a dança do Boi, o Bumba-meu-boi, que recentemente foi reconhecida oficialmente como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado por meio da Lei nº 8.170/2024. Essa lei abrange todas as manifestações culturais relacionadas ao Bumba-meu-boi, como danças, músicas, desfiles e apresentações teatrais. A decisão de declarar essa brincadeira como patrimônio imaterial está fundamentada na crença popular de que essa tradição teve origem no próprio Piauí, onde as fazendas de gado começaram a se instalar a partir de ocupações oriundas da Bahia. Esse processo foi consequência direta da política de expansão territorial promovida por Portugal, que incentivou a criação de gado no sertão, em resposta ao crescimento das plantações de cana-de-açúcar no litoral nordestino. Dessa forma, o Bumba-meu-boi passou a fazer parte da cultura local, simbolizando não apenas as tradições juninas, mas também a

história da ocupação e desenvolvimento da região. Sobre essa manifestação cultural, trataremos a seguir.

2.1 BUMBA-MEU-BOI

Disseminado por todo o Brasil, o Bumba-meu-boi recebe diferentes nomes, como Boi-Bumbá, Boi-de-Reis, Bumba-Boi, Boi-Surubi, Boi-Calemba e Boi-de-Mamão, dependendo da região. Sua história está ligada à implantação da criação de gado no século XVII, atividade fundamental para alimentar o grande número de trabalhadores nas plantações de cana-de-açúcar no litoral do Nordeste. Como a criação de gado era incompatível com as plantações, as fazendas tiveram de se expandir para o interior, partindo de Pernambuco e chegando ao sul do Piauí, na região de Floriano, hoje uma das maiores cidades do estado. Nos pátios dessas fazendas, nos dias 23 e 24 de junho, escravos negros dançavam em torno de uma fogueira com um boi feito por eles, sob o olhar dos fazendeiros. O centro da festa era o boi, chamado de Boi de Fogo, uma tradição que não existe mais. A esse respeito o Ferreira (2016) afirma que:

Costumamos dizer nas rodas de conversa sobre Bumba-meu-boi e cultura popular que o Boi de brincadeira nasceu mesmo no Piauí. Tal especulação pode ser fundamentada a partir da formação de uma estrutura econômica baseada na cultura do boi, na mão de obra escrava, na história e narrativas míticas da cultura popular deste Estado, cujas terras e pastagens durante a colonização, já na segunda metade do século XVII, deram lugar ao maior e primeiro grande centro criatório de bovinos do Brasil. Assim, a história econômica e social, a memória oral, as narrativas, as lendas e mitos de fundação de origem negra e indígena relacionados à cultura do boi apontam para esse fato de que o Bumba-meu-boi nascera no Piauí e daqui o auto pastoril teria migrado para o Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil (Ferreira, 2016, pp. 94 a 95)

No Piauí, o Bumba-meu-boi é dançado em duas ocasiões principais: em dezembro, entre o Natal e o Dia de Reis, em homenagem ao nascimento de Jesus, e em junho, durante as festas juninas, em homenagem a São João. O folguedo tem um texto e um roteiro seguido pelos brincantes, que sustentam o espetáculo do boi. A história gira em torno de Catirina, esposa de Chico Vaqueiro, que, grávida, deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Chico, induzido por Catirina, decide matar o boi às escondidas do patrão. Após a descoberta da morte do boi, ou em algumas versões, de seu ferimento, a notícia se espalha, e o patrão busca o culpado. Chico Vaqueiro é julgado, mas ao final, o boi ressuscita, ou nunca chega a morrer. Em muitas versões, o boi pertence a uma mulher, Dona Maroquina, representada no espetáculo por um homem vestido de mulher. Aliás, tradicionalmente, todos os personagens são homens, pois se diz que "em brincadeira de boi, mulher não entra".

Imagem 02 - Brincadeira do Bumba-meu-boi no Piauí



Fonte: <https://portalodia.com/noticias/torquato/bumba-meu-boi,-tradicao> (2019)

O ciclo se encerra com a captura e morte simbólica do boi. Fugindo desde a véspera, o boi é recapturado pelos vaqueiros e levado ao curral, de onde tenta escapar várias vezes. Quando finalmente é preso, é amarrado e morto, com o sangue simbolicamente distribuído entre os participantes na forma de vinho. Os grupos de Bumba-meu-boi têm formações variadas, com alguns contando com mais de 60 "brincantes", entre os quais estão personagens como o Boi, Negra Catirina, Negro Chico, vaqueiros, caboclos e outros.

A festa do Bumba-meu-boi é cultivada com especial importância em algumas cidades, ganhando com o tempo características próprias. Grupos organizam a festa com diferentes "sotaques", ou seja, utilizando diferentes instrumentos musicais: o Boi de pancadaria usa zabumba e pandeiro; o Boi de matraca utiliza matracas, e o Boi de orquestra incorpora instrumentos de sopro e sanfona. Esses sotaques dão nomes e identidades únicas aos bois, como o Boi Riso da Mocidade, Boi Terror do Nordeste, e outros. O Boi Riso da Mocidade, por exemplo, conhecido também como Boi do Matadouro, começou a se apresentar em 1930 e mantém até hoje sua tradição viva, com uma escolinha para crianças entre 2 e 15 anos. Assim, como o Bumba-meu-boi se diversificou ao longo dos anos, o mesmo aconteceu com as festas juninas em geral, que, apesar de suas características rurais, são celebradas nas cidades, cada uma destacando um santo ou o Bumba-meu-boi como centro das comemorações (Silva, 1988)

3 AS FESTAS JUNINAS EM TERESINA -PI

Em Teresina, as festas juninas, em programações oficiais ou não, envolvem milhares de pessoas. Fazem parte tanto do calendário oficial da cidade como do calendário comemorativo da Igreja. São celebradas nas casas, ruas, clubes, bairros, shopping centers, igreja e nas águas do rio Poti. Como festa pública, a administração da cidade iniciou promovendo, no espaço cultural Parque Poticabana, concursos de danças de quadrilhas, de realização de Bumba-meu-boi, colocando à disposição do público barraquinhas com comidas e bebidas tradicionais, sem faltar a música e shows de artistas da terra.

Os clubes da cidade também possuíam tradição em organizar seus arraiais (Clube Tabajaras, Iate Clube, Jockey Clube, Clube das Classes Produtoras, Clube Militar, Clube dos Economiários e muitos outros). A principal atração eram as danças de quadrilha com premiação para o casal que apresentar o melhor traje típico, ou que dançasse o melhor forró. As barracas de comida típica também eram premiadas pela melhor decoração ou melhores quitutes.

As pessoas comemoram as festas juninas também em suas casas. Acendem fogueiras na frente delas, decoram ruas e pátios com bandeirinhas, demarcam lugares para a queima de fogos de artifício. Fogueiras bandeirinhas e fogos de artifício são componentes essenciais das festas juninas. Em todos os bairros, os habitantes animam-se para organizar suas festas, suas fogueiras, reunindo vizinhos que colaboram com pratos e bebidas típicas de sua lavra. Um dos componentes mais importantes são as comidas típicas. Algumas das comidas típicas da festa são feitas exclusivamente nessa ocasião, não aparecendo em outras épocas do ano. As mais importantes são as de origem vegetal: a base de milho, macaxeira (aipim), de coco, de farinha de goma, outras tem como base a carne bovina, como a paçoca, (farinha de carne desfiada) e Maria Isabel (arroz com carne). Muitos doces são igualmente preparados para essa ocasião: cocada, pé de moleque, maçã do amor (Brandão,1989)

Imagem 03 - Comidas típicas das festas juninas



Fonte: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/06/24/arraia-dencicasa>

Especialmente nos bairros da periferia da cidade era possível encontrar pessoas, principalmente as crianças, comparecendo à festa vestidas de “caipira” (o agricultor pobre). Para os homens e os meninos o traje era basicamente de uma calça “curta demais”, sendo nela aplicadas remendos, retalhos, para dar a impressão de roupa velha, muito usada. O traje se completava com um desajeitado chapéu de palha, a pintura no rosto de um bigode engraçado (pequeno demais ou grande demais) e cavanhaque. Na boca um cigarro de palha ou um cachimbo. As mulheres e as meninas usavam vestidos rodados de “chita” (tecido muito barato) com pequenas estampas de flores). O cabelo era arrumado em trança e por cima um chapéu de palha. Entre os personagens, encontrava-se um jovem casal, “os noivos” da festa. Tratava-se de um “casal” tímido, desajeitado, cujos gestos e principalmente a fala, eram motivos de riso e diversão, por simbolizar simplicidade, pobreza e ignorância, como estava representado o “caipira” e o seu mundo rural naquele evento.

Imagem 04 Festa junina antiga, com trajes e coreografia do rural



Fonte: <https://blogalerta.com.br/as-festas-juninas-de-antigamente-em-mipibu>

Outro aspecto fascinante das festas juninas é a forte ligação com as crenças populares relacionadas ao casamento, especialmente voltadas para as moças solteiras. Durante as festividades, diversas simpatias são realizadas com o objetivo de atrair um marido, reforçando a fé e a tradição popular em torno de Santo Antônio, conhecido como o "santo casamenteiro" (Martins,1983). Entre as simpatias mais comuns está a prática de colocar a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo, geralmente dentro de um poço ou vaso, como forma de "pressionar" o santo até que o pedido seja atendido. A crença é que, dessa forma, Santo Antônio "ajudaria" a moça a encontrar um bom casamento. Esse ritual reflete não apenas a devoção popular, mas também o caráter lúdico das festas juninas, onde a tradição religiosa se mescla às brincadeiras e superstições, criando um ambiente festivo e cheio de simbolismo para aqueles que participam.

Além dessa, há outras simpatias, como a de dormir com três papéis debaixo do travesseiro, cada um com o nome de um pretendente, sendo que o papel escolhido ao acordar indicaria o futuro esposo. Essas práticas, passadas de geração em geração, mostram como as festas juninas não só celebram a fé e a colheita, mas também mantêm vivas as tradições sociais e os desejos pessoais das pessoas que delas participam.

Assim, iniciativa por parte da administração pública municipal em apoiar e promover a realização de festas juninas merece uma atenção especial. Se por um lado a iniciativa oferece ocasião de serem apresentadas com riqueza de requintes a mais diversas manifestações folclóricas, por outro lado, incentiva a criatividade dos organizadores dos conjuntos apresentados de maneira que foge muito das formas originais. Desse modo, a exemplo do que ocorre em outros Estados do Nordeste, o governo

do Estado do Piauí, através da Fundação Estadual da Cultural, passou a promover na década de 1970, em Teresina, o já mencionado “Encontro Nacional de Folguedos do Piauí, momento em que são apresentados grupos folclóricos locais e de outros estados, com seus figurinos arrojados e coreografias arrojadas que em muito diferenciam-se das representações realizadas até anos de 1990, sobre o mundo rural e sua gente. O encerramento do 46º Encontro Nacional de Folguedos, realizado em 2024, teve uma participação estimada pela Secretaria de Cultura do Estado em 30 mil participantes, que dançaram ao som de artistas locais e nomes nacionais como Joelma, Elba Ramalho e Raquel dos Teclados e Marcus Julião.

Por sua vez, a Prefeitura Municipal de Teresina realiza a “Cidade Junina”, no mês de junho. Em 2024 o evento realizou sua 30ª edição, com quatro dias de festa na Arenado Teresina Shopping. Ao longo desse período o evento passeou pela cidade, sendo realizado como o São João para a praça, quando teve como palco a praça João Luiz Ferreira ou, como foram denominadas as festividades “o Forró na Praça”. Segundo a professora Cecília Mendes, quando presidente da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, “essa era mais uma forma da população fortalecer ainda mais a tradição”. O Forró na Praça tinha duração de três dias e constava na sua programação atrações folclóricas como o Bumba-meu-boi, quadrilhas, violeiros, forró e comidas típicas. Após seu encerramento, os festejos continuavam na Praça da Vila operária com o Festival Junino de Teresina. Outras festas eram organizadas nos bairros, com a participação das comunidades, como o organizado pela comunidade do Bairro Bela Vista e Dirceu Arcoverde.

Em meio as mudanças que vinham ocorrendo nas formas de realização dessa tradição cultural, cita-se um desacerto entre os participantes e a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (Semel) ocorridos na década de 1990, que julgava ser inoportuna a descaracterização de algumas “quadrilhas matutas”, com o que suspendeu o torneio denominado Campeão das Campeãs, no que foi apoiada pela imprensa, pelos telespectadores, pela classe artística. Alegavam todos, com unanimidade, não serem aceitáveis a maneira como foram substituídos: a música e seu ritmo; a coreografia e os passos de dança do gênero tradicional por outros dos mais variados; por trotes com muita batida de pé e de mão, com gritos exagerados.

Os protestos foram vigorosos e, numa tentativa imediata de resgatar a qualidade dos festejos tradicionais, só foram aceitas as quadrilhas que retratavam a dança matuta, ostentando os trajes típicos do “caipira junino” e, na dança de quadrilha, a música regional, a coreografia e passos tidos como indispensáveis como a formação do túnel, do caracol, da chuva, da passagem da pinguela, etc. atentou-se também pela justeza dos passos, cantigas e textos ao expressar “a história de um casamento, com seus personagens: os noivos (a noiva grávida), o padre, o sacristão, o delegado, etc.

Apesar das manifestações de resistência, a indumentária que era inspirada na vida rural, com vestidos rodados, camisas de flanela xadrez, chapéus de palha e remendos coloridos, simbolizando o universo caipira e a simplicidade do campo, com o passar do tempo, começaram a ser reinterpretadas de maneira mais estilizada e comercial, integrando elementos modernos e glamourosos, como tecidos mais sofisticados e adereços mais elaborados. Da mesma forma, as coreografias das quadrilhas, que antes seguiam passos simples e tradicionais, tornaram-se mais complexas e coreografadas, muitas vezes com influências de outros estilos de dança e com inserções de efeitos cênicos e figurinos temáticos. Apesar dessas mudanças, as festas juninas ainda preservam a essência de suas origens, sendo um espaço de resistência cultural onde a tradição se reinventa para dialogar com as novas gerações, sem perder o vínculo com suas raízes populares. Essa evolução demonstra a capacidade das festas de se adaptar aos tempos modernos, mantendo-se relevantes e atraentes sem deixar de lado sua identidade cultural.

3.1 OS FESTEJOS DE SÃO PEDRO NO POTI VELHO

O Bairro Poti Velho, um dos mais antigos da cidade de Teresina, tem sua origem relacionado a criação da cidade. Localizado na Zona Norte, na confluência dos rios Parnaíba e Poti, foi uma importante região de passagem de navegantes e comerciantes que transitavam pela Vila do Poti, mantem parte de suas tradições culturais através de suas construções, práticas econômicas e culturais. Na atualidade, dentro vários legados culturais, abriga o Polo Cerâmico, que reúne uma rica variedade de peças artesanais confeccionadas por artistas locais e comercializadas em oficinas e lojas situadas no Bairro.

Imagem 05 - Polo Cerâmico do Bairro Poti-Teresina



Fonte: <https://piaucult.com.br/?p=cultura&asscodigo>

Além da cultura material, o Bairro Poti também apresenta uma rica cultura imaterial. Os festejos de São Pedro, realizados entre os dias 19 e 29 de junho, atraem muitas pessoas das redondezas e da região central da cidade. Essa festa é organizada pela associação dos moradores do bairro e tem início com uma procissão que conduz a imagem de São Pedro da paróquia do bairro do Mafrense até a capela do bairro Poti Velho. Na praça da igreja são montadas, pelos moradores, barracas de comidas típicas. Acontecem no local as apresentações de quadrilha, os shows artísticos e os leilões. Na igreja, no horário da manhã são realizadas as missas e à noite, a novena (a expressão é utilizada como referência a dias ou noites de oração, mas não se refere, necessariamente, a nove dias de reza). A esse respeito, afirma, Pereira e Moraes que:

Assim como as atividades oleira, cerâmica e pesqueira constituem-se marcadores identitários do Poti Velho, relacionados entre si e, ao mesmo tempo, exigindo compreensão de suas especificidades, uma outra dimensão identitária do Poti é demarcada pela religiosidade, acionada por moradores/as e visitantes. Em especial, pelo catolicismo popular: anualmente, no mês de junho, ocorrem os referidos festejos em louvor a São Pedro. Nesta ocasião, no dia 29 do mesmo mês, realiza-se uma procissão flúvio-terrestre, que se inicia em lanchas e barcas, sobre as águas do Poti, partindo do cais do Iate Clube, também na urbana de Teresina, no bairro Matinha, e termina nas ruas potizeiras, quando a imagem de São Pedro chega à Igreja local (Pereira e Moraes, 2014)

O dia 29 de julho, dia de São Pedro, pela manhã a programação tem início com o Torneio de Regatas da Colônia de Pescadores. Os vencedores do Torneio são premiados com canoas, redes de pescar e acessórios de pesca. Após a regata, acontece o campeonato de natação feminino e masculino. Os competidores têm que atravessar o Rio Poti, ida e volta. Outra competição é ficar o maior tempo possível embaixo d'água. Os vencedores de ambas as categorias recebem, oferecida pela colônia do bairro, premiações, um troféu e medalhas. Na véspera do dia 29, os pescadores passam a noite pescando para concorrer ao Campeonato de Pescaria. O resultado é revertido para o almoço, com todos os pratos à base de peixe que, às 13 horas é oferecido pela Colônia de Pescadores a convidados especiais e personalidades políticas, além de ser franqueado aos seus sócios.

Imagem 06 Procissão de São Pedro no Bairro Poti- Teresina/PI



Fonte: Reprodução/Arquidiocese de Teresina².

A grande atração do dia do encerramento é a procissão fluvial em homenagem a São Pedro que atrai um grande público. A lancha com a imagem de São Pedro sai às 17 horas do cais do rio Parnaíba com destino ao Porto do Pesquerinho, de onde vai em procissão até a capelinha do bairro para a celebração da missa. Em Teresina, as festas juninas constam não só da celebração das datas dos três Santos da Igreja Católica – São João, São Pedro e Santo Antonio, como visto nesse artigo, integram elementos da cultura popular como danças, comidas e outras formas culturais que representam a construção da identidade do povo piauiense e, aspectos que foram adaptados às particularidades da cidade.

² Disponível em <https://portalodia.com/noticias/Teresina/festejos-de-sao-pedro-no-poti-velho>. Acesso em 18.10.2024.

4 FESTEJOS JUNINOS EM CAMPO MAIOR

Campo Maior é um município localizado no estado do Piauí e se destaca como o sétimo mais populoso do estado, com uma população aproximada de 50 mil habitantes. Reconhecida como a principal cidade da Região dos Carnaubais, sua história remonta ao período colonial, quando foi fundada por portugueses em uma área cujo principal foco econômico era a criação de gado. Em 1761, Campo Maior foi elevada à condição de distrito, e, no ano seguinte, em 8 de agosto de 1762, foi oficialmente criada como vila, uma data que até hoje é celebrada como o aniversário da cidade. Ao longo do tempo, o município passou por diversas transformações econômicas, e atualmente sua economia é amplamente sustentada por atividades comerciais, agricultura, pecuária e extrativismo.

Campo Maior também é reconhecida por seu grande potencial na caprinocultura e ovinocultura, graças à adaptabilidade das raças às condições edafoclimáticas (solo e clima) da região. Essa capacidade de aproveitar os recursos naturais locais tem sido um fator importante para o desenvolvimento econômico e para a sustentabilidade das práticas agropecuárias no município. A cidade mantém viva sua tradição agrícola, mas também busca se modernizar, explorando o comércio e outras atividades que geram renda para a população, sem perder de vista suas raízes históricas e culturais, a exemplo dos tradicionais Festejos de Santo Antônio.

Conforme a Diocese local³, a imagem de Santo Antônio Aparecido, um dos principais símbolos da devoção católica em Campo Maior, continua envolta em mistérios. Há mais de 300 anos, essa escultura é reverenciada pelos habitantes da Terra dos Carnaubais, e, devido à escassez de registros históricos sobre sua origem, a lenda de seu aparecimento sobrenatural ganhou força e se consolidou como uma verdade incontestável entre os fiéis.

Santo Antônio é padroeiro da cidade, sendo os festejos realizados em sua honra considerados como as maiores manifestações religiosas de todo o Piauí. A prefeitura municipal estima que passam pela cidade nesse período, todos os anos, mais de sessenta mil pessoas, contando com visitantes dos municípios vizinhos e turistas de outros estados como Maranhão, Ceará e especialmente, de Brasília. A abertura dos festejos, que duram treze dias, acontece em 01 de junho e é marcada pela procissão do “Mastro de Santo Antônio”. Um tronco de carnaúba de aproximadamente 60 metros, ostentando no topo uma “bandeira” que é mais um quadro emoldurado com a imagem de Santo Antônio é levado da Igreja do bairro de Santa Rita à Catedral de Santo Antônio. Participam do traslado do mastro aqueles

³ Conheça as hipóteses sobre a origem da imagem de Santo Antônio Aparecido. Disponível em <https://diocesedecampomaior.org.br/conheca-as-hipoteses-sobre-a-origem-da-imagem-de-santo-antonio-aparecido>. Acesso em 18.10.2024.

que depositam nesse ato suas esperanças pessoais e os que vêm para pagar suas promessas por graças obtidas.

Imagem 07 Procissão do mastro de Santo Antônio em Campo Maior-PI



Fonte: <https://cidadeverde.com/campomaior/84548/>

Chegando à praça da catedral, ele é hasteado com assistência de um numeroso público, ao som dos sinos da Igreja matriz. É nesse momento que são proferidas promessas que deverão ser pagas no próximo ano: políticos abraçam o mastro e pedem vitória eleitoral, moças solteiras saltam ao seu redor para tocar no mastro (ou “pegar no pau”, como diz o povo) para arrumar marido. A noite de abertura termina com um show pirotécnico.

Cada noitada seguinte é patrocinada por uma categoria profissional ou instituição, tais como: associações religiosas e pastorais. Há também a noite dos Antônios e Antônias, a dos casais encontristas, as dos grupos que agregam jovens católicos, funcionários públicos, bancários, economiários, a que representa os campomaiorenses ausentes; a dos Vaqueiros, técnicos agrícolas, lavradores e proprietários rurais; a de profissionais liberais, motoristas, motoqueiros, tratoristas e empresas de transporte coletivos.

São também representados os professores e estudantes, os operários, os carroceiros, os arrumadores, os pescadores e as lavadeiras. Os representantes de cada uma dessas categorias recolhem donativos (bolos de goma e outras guloseimas especiais, capão assado, novilhas etc...) para serem leiloados na praça, após a novena. A dedicação de todos é grande pois o leilão é a principal fonte de arrecadação para a manutenção da Paróquia. A comissão religiosa, também responsável pela organização da festa divulga, no último dia dos festejos, o resultado da arrecadação. Em geral a noite mais rendosa - e a mais concorrida - é a última, a dos vaqueiros, figura de destaque nas comemorações.

A festa incorpora a quase totalidade da população, havendo sempre um local organizado para todos os participantes. Além das categorias profissionais, marcam presença os paroquianos, os pagadores de promessa, os patrocinadores, os juizes de festa (em geral as autoridades do Estado e os grandes doadores), os “mordomos” (fiéis católicos e voluntários da igreja), os organizadores religiosos e leigos, os leiloeiros com uma equipe de anotadores e receptores de joias.

Na praça tem de tudo. São instaladas inúmeras barracas de todos os tipos, barraquinhas com jogos de azar, doces, tiro ao alvo, argola, baralho, e bebidas alcoólicas. Circulam os fotógrafos, os vendedores de balões coloridos e outras pequenas mercadorias. A organização espacial na praça indica uma organização social segundo suas classificações sociais e categorias mais importantes. É possível verificar como se expressam, nesse espaço festivo, as relações sociais, os papéis e funções dos “atores sociais” nos diferentes espaços da festa.

Há o espaço dos “ricos”, na parte mais central da praça, dos “pobres” na periferia e o espaço de circulação dos jovens. Também a configuração do trânsito dos participantes é nitidamente demarcada, sobressaindo nela os espaços de caráter sagrado (as celebrações dentro da igreja, o percurso da procissão) e os profanos (a praça, as ruas), que na ocasião demonstram sua força ou fraqueza, à medida em que são transgredidos ou reafirmados. O poder político é explicitado pela presença de políticos que tomam atitudes e ostentam aquelas relações sociais que lhe são típicas; as intenções casamenteiras animam a circulação e o jogo dos jovens que se organizam, espontaneamente, segundo suas classes sociais e assim por diante.

Percebe-se através dessa breve descrição a riqueza dos festejos juninos, a popularidade e, especialmente, no Piauí, a força de seu universo simbólico. Universo simbólico imenso, rico e muito forte. Podemos perceber que não existe apenas um apego à tradição, mas um fundo emocional coletivo funcionando para motivar a continuidade da tradição. Pela sua intensidade e resistência deve estar ancorada entre os símbolos fundamentais da cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas juninas são muito mais do que simples manifestações folclóricas. No Nordeste brasileiro, especialmente em estados como Pernambuco, Paraíba, Bahia e Piauí, essas festividades ganham uma dimensão especial, transformando cidades em palcos vibrantes de cultura e fé. Durante os meses de junho e julho, essas regiões atraem visitantes de todo o Brasil e até do exterior, consolidando-se como importantes eventos culturais e turísticos. No Piauí, por exemplo, tanto a capital, Teresina, quanto cidades como Campo Maior, são tomadas pela alegria das danças de

quadrilha, do Bumba-meu-boi e pelas procissões religiosas que unem a população em torno de suas tradições e símbolos.

Essas celebrações juninas, além de preservar costumes históricos, como o Bumba-meu-boi e as procissões em honra aos santos, também se adaptam às novas realidades, mesclando modernidade e tradição. A riqueza cultural e simbólica dessas festas, especialmente no Piauí, reflete a profunda ligação emocional que a população tem com suas raízes, funcionando como um elo que mantém viva a identidade cultural local. A continuidade dessas tradições, ancoradas em uma simbologia coletiva forte, demonstra não apenas o apego ao passado, mas também a resistência e a importância dessas festas como elementos fundamentais da cultura nordestina, que perpetuam a memória e reforçam os laços comunitários.

Além de preservar a tradição, as festas juninas no Piauí revelam a capacidade de adaptação e inovação sem perder sua essência. Nos últimos anos, essas celebrações têm se reinventado, integrando novos elementos e espaços urbanos, como shoppings, clubes e praças, ao mesmo tempo em que mantêm viva a conexão com o rural e o religioso, fundamentais para sua origem. Essa expansão reflete a crescente popularidade das festas e a forma como elas conseguem se reinventar, envolvendo desde as gerações mais antigas até os jovens. Essa capacidade de transformação, sem perder a força de seus símbolos e a devoção religiosa que as sustentam, é o que mantém as festas juninas tão vivas e essenciais para a identidade cultural piauiense.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. Tradições populares. São Paulo, Hucitec, 1982.

BRANDÃO, Calos rodrigues. A cultura na rua. São Paulo, Papirus, 1989.

BUENO, André Paula. Bumba-boi maranhense em São Paulo. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Cleonildes Aquino da. Festa junina: síntese de uma mistura cultural Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, 2012.

ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos. Londrina: Eduel, 2013.

FERREIRA, Elio. O Bumba-Meu-Boi do Piauí: poesia afro-brasileira, cantigas, gênese, memórias e narrativas de fundação do Boi de Né Preto de Floriano Piauí. In: Vozes, Pretérito & Devir Ano III, Vol. VI, Nº I (2016) Dossiê Temático: História, África e Africanidades ISSN: 2317-1979, pp. 92 a 106.

MARTINS, José. Santo Antônio. São Paulo, Martin Claret, 1983.

PEREIRA, Lucas Coelho e MORAES, Maria Dione Carvalho de. Entre “Teresina nasceu aqui” e “Aqui no Poti e lá em Teresina”: identidades e alteridades na memória oral do bairro Poti Velho. Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Cidade: histórias, memórias e história oral” do XII Encontro Nacional de História Oral: “Política, Ética e Conhecimento”, em Teresina-PI, na Universidade Federal do Piauí-UFPI, 2014.

SILVA, Pedro. O Piauí no folclore. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.